Recorde de exportação não favorece produtor

Se o ano foi bastante positivo à comercialização, para o pecuarista trouxe expressivo aumento de custos e queda de renda

PAULO SÉRGIO MUSTEFAGA

A pecuária bovina de corte tem algumas razões importantes para comemorar em 2003, mas nem tudo são flores para o setor. Com uma produção recorde estimada em 7,7 milhões de toneladas em equivalente carcaça (t.e.q.), a cadeia cresce e se moderniza, avançando nas questões sanitárias e ampliando os seus mercados.

As exportações brasileiras batem novo recorde em 2003 e colocam o país em primeiro lugar no ranking mundial da carne bovina, à frente da Austrália, historicamente o maior exportador mundial. Um bom momento, com perspectivas de aumentar a participação no mercado externo e consolidar a posição nos próximos anos. Não se pode perder de vista o trabalho no campo sanitário e a divulgação da carne brasileira no exterior.

Mas o bom desempenho no mercado externo e externo não têm sido suficientes para manter os preços em patamares satisfatórios para o criador. Os custos pressionam a rentabilidade, e a capacidade de investimento e de crescimento a médio e longo prazos pode ficar comprometida.

As exportações brasileiras de carne bovina in natura e industrializada deverão crescer 40% em quantidade durante 2003, uma participação de cerca de 21,9% das exportações mundiais em 2003, estimadas em 6,4 milhões de toneladas (t.e.q.), de acordo com dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

Para esse resultado, contribuíram principalmente o crescimento das vendas de carne bovina in natura para os mercados da União Européia (34,6%), Rússia (140%), Chile (34%) e países do Oriente Médio e Ásia, além do aumento dos preços médios de exportação. No total, as vendas externas de carne bovina in natura tiveram crescimento de 46,7%, para US$ 909,9 milhões, enquanto as vendas de carne bovina industrializada apresentaram aumento de 10,7%, para US$ 284,5 milhões.

De janeiro a outubro, a Austrália exportou 988,5 mil toneladas (t.e.q.), resultado 7,8% inferior ao alcançado no mesmo período de 2002. Com problemas de seca e redução do rebanho desde 2002, as exportações australianas ficarão em cerca de 1,2 milhão de toneladas (t.e.q.) em 2003. No caso dos Estados Unidos, a seca atinge praticamente toda a metade oeste do País e afeta cerca de 40% do rebanho de vacas de corte. Há desestímulo para a retenção de fêmeas e a tendência de redução do rebanho bovino continua em seu oitavo ano. Apesar da estimativa de redução de 3,5% da produção em 2003, a previsão é de que as vendas externas dos EUA aumentem em 4,8%, para 1,16 milhão de toneladas em equivalente carcaça.

Outro fato positivo em 2003 é a recuperação dos preços da carne brasileira no mercado internacional. De fevereiro a outubro, o preço médio da carne in natura teve uma recuperação de 43,7% e foi de US$ 1.543 para US$ 2.217 a tonelada, um valor ainda inferior ao praticado em 2000, de US$ 2.670 em média.

A carne industrializada teve recuperação de 9% de maio a outubro, de US$ 1.888 para US$ 2.065 a tonelada. A ele-

Brasil: exportações brasileiras de carne bovina in natura e industrializada

Período	Valor - US$ bilhão	t.e.q. (*)
janeiro a outubro de 2003	US$ 1,2 bilhão	1,00 milhão
novembro/2002 a outubro/2003	US$ 1,4 bilhão	1,27 milhão
janeiro a dezembro de 2003	US$ 1,5 bilhão	1,40 milhão

(*) toneladas em equivalente carcaça

vação dos preços reflete o crescimento da demanda no mercado internacional, com o aumento do consumo nos mercados europeu e japonês, em processo de recuperação das crises decorrentes da encefalopatia espongiforme bovina (doença da vaca louca). A valorização do Real a partir do segundo trimestre do ano forçou as empresas a praticarem reajustes nos seus preços em dólares.

A erradicação da febre aftosa nas principais regiões produtoras, a desvalorização cambial a partir de 1999 e os problemas sanitários enfrentados pelos concorrentes (União Européia e Argentina) possibilitaram o aumento da participação do Brasil no mercado internacional de carne bovina.

O setor ainda enfrenta sérias restrições de acesso aos principais mercados mundiais, além de obter baixos preços pelo seu produto. Argumentos de natureza sanitária, relacionados principalmente à febre aftosa, dificultam a venda da carne bovina in natura brasileira para diversos países. É o caso do Japão, Coréia do Sul, e os países do NAFTA (Estados Unidos, Canadá e México), que devem importar cerca de 3,4 milhões de toneladas (t.e.q.) de carne bovina em 2003.

Acesso ao mercado americano

Como parte dos requisitos para acesso ao mercado norte-americano de carne bovina in natura, o Brasil submete-se a rigoroso processo de análise sanitária. O parecer final levará cerca de 14 meses. Se aprovado, o Brasil dará passo importante para acesso a outros importantes mercados, como os demais países do NAFTA e os países asiáticos, pois envolvem consumidores mais exigentes e dispostos a pagar melhor.

A carne bovina exportada pelos Estados Unidos para os países asiáticos e Canadá, alcança preço médio de US$ 3.550 por tonelada, contra cerca de US$ 2.200 da carne brasileira.

À medida em que o Brasil diversifica seus mercados, os preços médios diminuem, uma vez que a União Européia paga melhor pela carne brasileira em relação aos demais países. De janeiro a outubro de 2003, as exportações de carne in natura do Brasil para a União Européia alcançaram preço médio de US$ 3.028 por tonelada, enquanto as vendas para os demais mercados tiveram preço de US$ 1.362 por tonelada. Em 2002, as vendas para a União Européia representavam 48% em receita e 32% em volume embarcado. Em 2003, essa relação é de 44% e 26%, respectivamente. Houve uma diminuição da participação relativa da União Européia nas vendas brasileiras.

O fracasso nas negociações da reunião ministerial da OMC (Organização Mundial do Comércio), em Cancun, no México, decorreu da resistência dos países desenvolvidos em abrir seus mercados para importações de produtos agropecuários. Os subsídios à produção e às exportações praticados pelos países da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) deprimem os preços dos produtos agropecuários no mercado internacional, causam concorrência desleal e deslocam a produção de países competitivos como o Brasil.

Apesar do bom desempenho alcançado pela indústria nacional da carne bovina nos últimos anos, as quotas tarifárias e outras restrições de natureza sanitária ainda representam sérios entraves para o crescimento das vendas externas.

É preciso enfrentar o forte protecionismo dos países desenvolvidos aos produtos agropecuários, como na administração de quotas por parte dos países importadores, como é o caso da União Européia.

As exportações dentro da Quota Hilton são administradas pelo Governo brasileiro, mas o volume é de apenas 5 mil toneladas. No caso da Quota Gatt, apesar de representar o maior volume comercializado, o controle é feito pelo governo da União Européia e pelas empresas detentoras das licenças de importações. Não há transparência e penaliza os exportadores brasileiros.

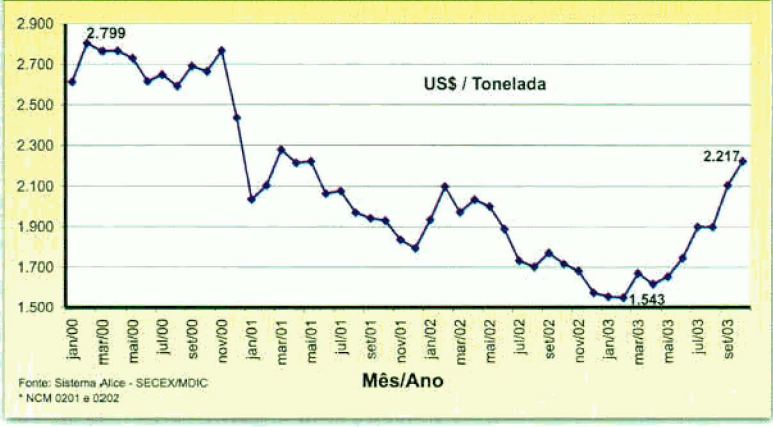
Brasil: Números da Pecuária de Corte - 2003

produção:	7,7 milhões de toneladas (t.e.q.)
rebanho:	183,5 milhões de cabeças
abate total:	36 milhões de cabeças
taxa de abate:	21%
consumo per capita:	36 Kg

Consumo interno estagnado

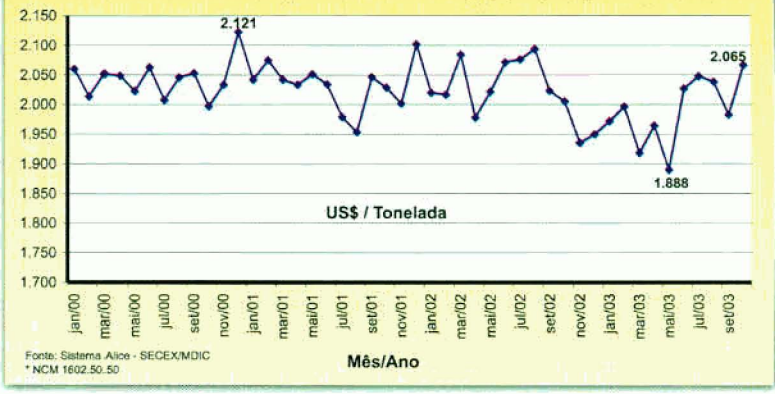
Internamente, o setor de carne bovina cresce e se desenvolve para atender às exigências dos consumidores internos e externos. O baixo nível de crescimento da economia é o principal responsável pela es-

Preços médios de exportação de carne bovina "in natura" janeiro/2000 a outubro/2003



Fonte: Sistema Alice - SECEX/MDIC
* NCM 0201 e 0202

Preços médios de exportação de carne bovina industrializada janeiro/2000 a outubro/2003



Fonte: Sistema Alice - SECEX/MDIC
* NCM 1602.50.50

Pecuária bovina de corte: março a outubro de 2003	
Item	**Variação %**
custos operacionais efetivos	4,78
custos operacionais totais (incluem as depreciações de máquinas e benfeitorias)	6,35
custos de produção	
material para construção e manutenção de cercas	6,2
máquinas e implementos agrícolas	5,4
construções em geral	9,71
medicamentos em geral	5,78
fertilizantes	4,36
preços pagos pela arroba	1,85

Fonte: pesquisa CNA/CEPEA - Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Rondônia, Rio Grande do Sul e São Paulo, onde concentra 60,0% do rebanho brasileiro

Brasil: Indicadores da Pecuária de Corte		
Item	**Valor**	**Variação sobre 2002**
Preços reais médios da arroba	R$ 52	(7,0%)
Valor Bruto da Produção da Pecuária	R$ 24,74 bilhões	(4,6 %)
Valor adicionado pela Pecuária	3,13%	–
Valor Bruto da Produção da Agricultura	16,7%	–
Valor Bruto do Setor de Insumos para a Pecuária	7,35%	–

Fonte: Boletim Indicadores Rurais, da CNA

tagnação no consumo de carne bovina, especialmente nas classes menos favorecidas, com elevada elasticidade-renda da demanda.

As exportações crescem em relação ao total da produção. O mercado externo é o grande responsável pelo crescimento da produção. De 1998 a 2003, a exportação em relação à produção passou de 6% para 17%, enquanto a relação importação e produção ficou em torno de 1,6%.

O Brasil também avança na implantação da rastreabilidade do rebanho bovino, por meio do Sistema Brasileiro de Certificação de Origem Bovina e Bubalina (SISBOV), com vistas a atender principalmente ao mercado externo. A partir de 15 de julho de 2003, o governo passou a exigir a permanência, pelo prazo mínimo de 40 dias, na Base Nacional de Dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, dos animais destinados ao abate para exportações ao mercado da União Européia. A partir de 2004, essa exigência será válica também para as exportações para os demais mercados.

Renda do produtor cai

Apesar do bom desempenho do setor no ano, o pecuarista não tem tantos motivos para comemorar. Pressionado por custos crescentes e preços deprimidos, o segmento de produção primária vem tendo sua renda achatada e não vem recebendo os benefícios do aumento da participação do país no mercado internacional.

Taxa de abate de fêmeas
• primeiro semestre de 2003: 31,9%
• primeiro semestre de 2002: 23,5%
• junho de 2003: 34% no mês
• fevereiro de 1997: atingiu 34,5%.

Pesquisa Trimestral de Abate de Animais, do IBGE

A partir do segundo semestre de 2002 até o primeiro trimestre de 2003, a desvalorização do Real provocou grandes reajustes nos preços de diversos insumos utilizados na pecuária, produzidos a partir de substâncias importadas. É o caso do sal mineral, à base de fosfato bicálcico, de importante participação nos custos de produção da carne bovina, com significativo aumento até o primeiro trimestre de 2003.

Com a valorização do Real, a partir do

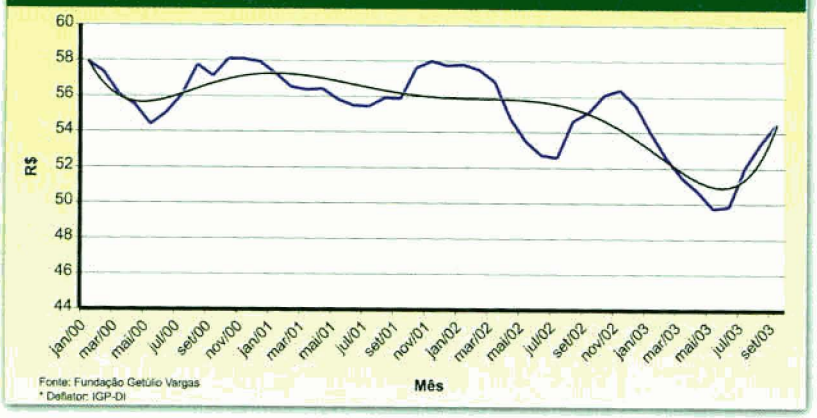
Exportações brasileiras de carne bovina "in natura" (US$ 1.000)			
PAÍS	**Jan a Out/2002**	**Jan a Out/2003**	**Var. %**
UNIÃO EUROPÉIA	297.867	400.975	34,6
CHILE	83.420	112.025	34,3
EGITO	39.815	76.180	91,3
RÚSSIA	31.073	74.701	140,4
ARÁBIA SAUDITA	54.364	49.362	-9,2
IRÃ	-	43.586	-
ISRAEL	27.644	24.403	-11,7
HONG KONG	18.460	23.532	27,5
FILIPINAS	12.369	17.050	37,8
LÍBANO	9.134	15.150	65,9
DEMAIS PAÍSES	45.779	72.914	59,3
TOTAL	**619.925**	**909.878**	**46,8**

Fonte: Sistema Alice - Secex/MDIC

Exportações brasileiras de carne bovina industrializada (US$ 1.000)			
PAÍS	**Jan a Out/2002**	**Jan a Out/2003**	**Var. %**
ESTADOS UNIDOS	100.236	117.176	16,9
REINO UNIDO	79.306	73.271	-7,6
ITÁLIA	8.959	11.142	24,4
PAÍSES BAIXOS	8.729	9.338	7,0
ALEMANHA	5.832	6.714	15,1
PORTO RICO	6.168	5.495	-10,9
CANADÁ	3.198	5.124	60,2
JAMAICA	4.399	5.070	15,3
FRANÇA	4.930	4923	-0,1
ANGOLA	1.366	3.964	190,2
DEMAIS PAÍSES	33.795	42.277	25,1
TOTAL	**256.918**	**284.494**	**10,7**

Fonte: Sistema Alice - Secex/MDIC

Boi gordo: preços reais recebidos pelos produtores no Brasil janeiro/2000 a setembro/2003 (R$/@)



Fonte: Fundação Getúlio Vargas
* Deflator: IGP-DI

segundo trimestre do ano, os preços do sal mineral praticamente não foram reduzidos. Segundo levantamento do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA/ESALQ), da Universidade de São Paulo, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), o preço do sal mineral, com base nos valores negociados no Estado de São Paulo, acumulou alta de 36,8% nos últimos 12 meses.

Os indicadores são de forte perda no poder de compra do criador. O aumento dos custos pode comprometer a capacidade do pecuarista em realizar investimentos para aumentar a produção e a produtividade, como a reforma e manutenção de pastagens. Além disso, a médio e longo prazos, essa situação representa um desestímulo à atividade, podendo levar o pecuarista a buscar alternativas para sua produção.

Os preços reais médios da arroba do boi gordo, recebidos pelos produtores, no Brasil, mostram tendência de queda em 2003, em relação aos anos anteriores. Daí, o Valor Bruto da Produção da Pecuária mostrar variação negativa. O PIB do segmento primário da pecuária (produtor) apresentou taxa de crescimento bastante tímida em comparação com o da agricultura, e o do setor de insumos para a pecuária, verifica-se que este último segmento apresentou taxa de crescimento. Ou seja, o produtor não tem capacidade de repassar os aumentos de custos para os preços finais de seu produto.

Os sinais aparecem na retomada na proporção de abate de fêmeas do rebanho bovino brasileiro

O Brasil está entre os países mais competitivos do mundo na produção de carne bovina e as perspectivas são muito promissoras no mercado externo. Mas é importante que o setor se articule para reverter a tendência de aperto nas margens das criações. É preciso promover um crescimento mais equilibrado entre os elos da cadeia produtiva. Se o agronegócio da carne bovina brasileira teve um



ano bastante favorável do ponto de vista da comercialização, para o pecuarista não se pode fazer a mesma afirmação, face consideráveis aumentos de custos e estreitamento da renda. Um quadro a ser revertido sob pena de desestimular a atividade e comprometer a capacidade de crescimento dos próximos anos, tão necessária para fazer frente ao aumento da demanda interna e externa. ■

PAULO SÉRGIO MUSTEFAGA *é economista e assessor técnico da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA)*

Fazenda do Rubaiyat transforma pastagens em lavouras de soja

Proprietário do grupo Rubaiyat, uma das principais churrascarias de São Paulo, Belarmino Iglesias Filho decidiu converter parte das pastagens de sua fazenda em Dourados (MS) em soja. Nesta safra, ele iniciou o plantio de 800 hectares.

Segundo seus cálculos, um alqueire na região pode suportar cinco bois por ano, com a produção média de 30 arrobas, o equivalente a R$ 1.800/ano. O mesmo alqueire, com a soja, pode lhe render em seis meses o equivalente a R$ 5.000 (140 sacas).

O Rubaiyat foi pioneiro no Brasil do conceito "da fazenda ao prato", ao produzir em Dourados boa parte da carne que serve em seus restaurantes em São Paulo. Além da carne brangus, a fazenda cria o frango caipira (label rouge), javali e uma linhagem especial de suínos (baby-pork).

"Esta integração nos permite oferecer aos clientes dos restaurantes carnes com denominação de origem, com total controle de qualidade. É a experiência dos restaurantes que orienta todo trabalho de melhoramento genético desenvolvido pela fazenda", diz Iglesias Filho. Boa parte das 14 toneladas de carne que as três casas do grupo em São Paulo consomem mensalmente é produzida na fazenda.

Criada em 1968, a fazenda da família Iglesias seleciona brangus desde 1988, por meio de cruzamento do gado abeerden-angus (de origem escocesa) com o brahman (indiano). "O trabalho genético, desenvolvido em parceria com o grupo argentino Cabaña Las Lilas, resulta em animais de sangue avançado, precoces e de elevada conversão de peso", diz Belarmino Iglesias Filho.

A parceria Rubaiyat-Las Lilas vai além da pecuária. Desde 1995, os dois grupos mantém em Buenos Aires o restaurante Cabaña Las Lilas.